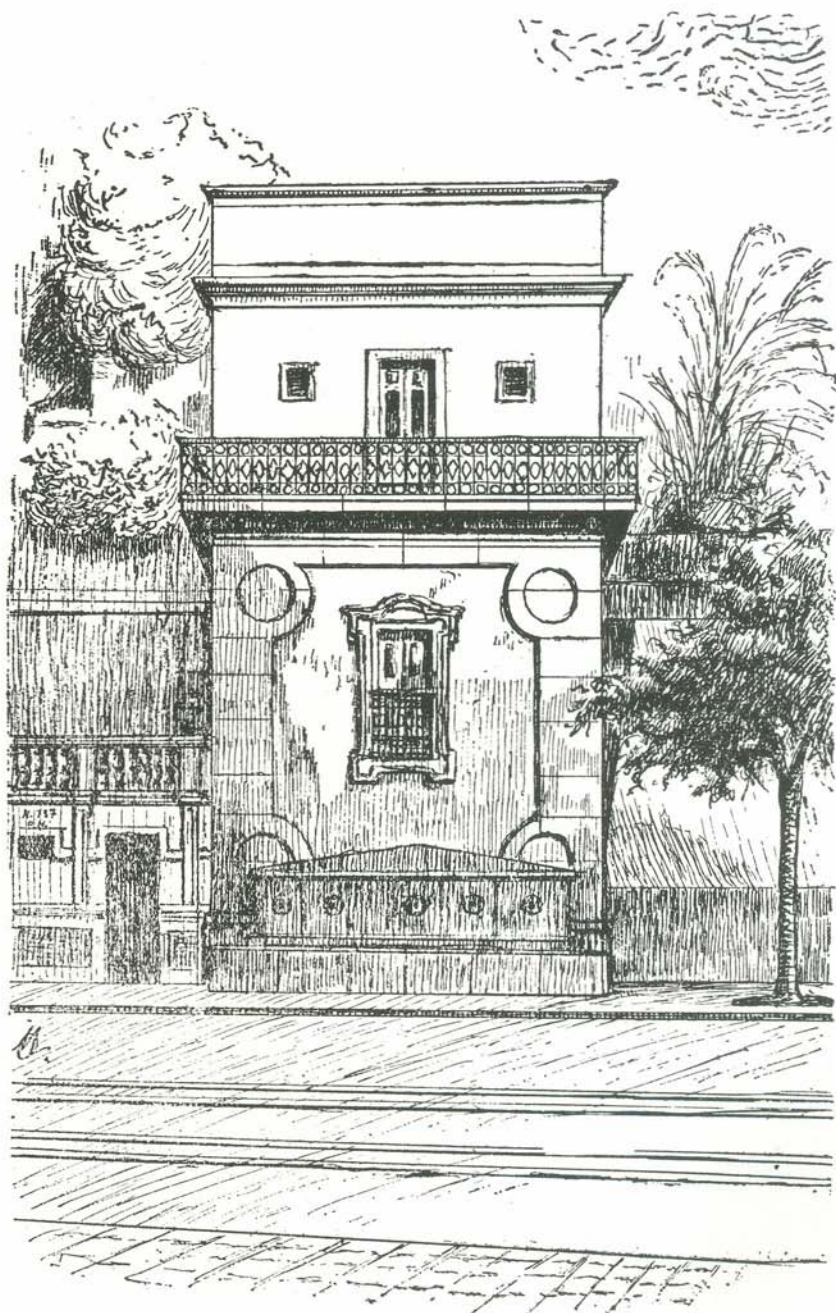
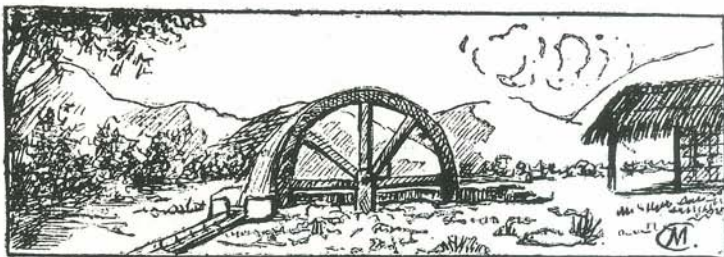


**CHAFARIZES DO LARGO DO CAPIM, DE CATUMBI
E BICA DA RAINHA**

VII



O chafariz de Catumbi



VII

No antigo Largo do Capim existiu um chafariz, de existência efêmera, pois, segundo monsenhor Pizarro, construído no governo do Vice-Rei Luiz de Vasconcellos, não chegou a funcionar. Apesar de ter passado por várias mãos, foi por fim ter às do conde de Rezende.

Este, reformando os canos, que eram de barro, tratou de projetar, construir e perpetuar nesse monumento público a sua memória, gravando na pedra a seguinte inscrição:

“MARIA PRIMA
PORTUGAL ET ALGARBIOR
REGINA
PRINCEPS PIA OPTIMA
AUGUSTA
ERECTO FONTE SALIENTIS
AQUAE
CIVIVM SATIATA SITI
REZENDE COMITIS REGIS VICES GERENTIS AUSPICIIS
REGINAE INCOMPARABILI
HOC MONIMENTUM
POSITUM”

A versão é a seguinte, feita pelo professor Alberto Sampaio, do Museu Nacional:

“Maria Primeira, rainha de Portugal e Algarves, princesa Pia, Optima, Augusta.

Ergueu este chafariz de águas jorrantes, para saciar a sede do povo.

O vice-rei conde de Rezende dirigiu a construção sob os auspícios da rainha incomparável que este monumento collocou.”

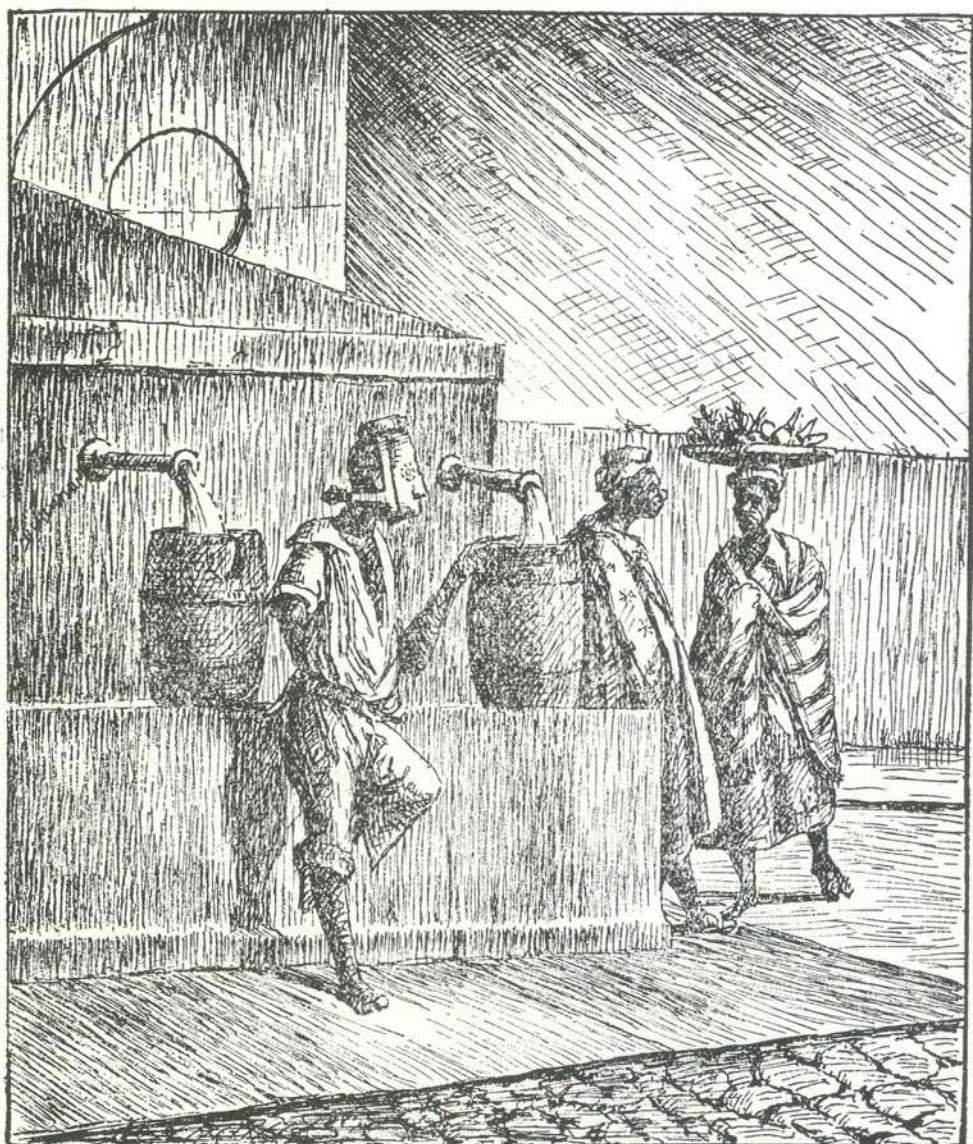
Fôram inúteis, porém, todo o trabalho e despesas, pois, com a ausência do conde de Rezende, que partira em 1801 para Portugal, sem ultimar o citado chafariz foi, enfim, demolido, e as pedras lavradas aplicadas, tempos depois, a outras obras, como a da Casa da Ópera ou Teatro São João. Aconteceu como em nossos dias com as do Carioca que foram para o Hospício...

Nesse mesmo largo do Capim elevou-se, mais tarde, outro, de ferro (indústria francesa), sobre um lago, em meio de um jardim retangular, cercado de grades de ferro e quatro portões.

Nas faces externas do jardim havia barracas e, nos ângulos pavilhões que serviam de mercado pela manhã; à tarde, o jardim era o recreio das crianças, mas tudo desapareceu, para surgir o ultra-mercado de dez metros de pé direito sobre toda a área do terreno e no interior minúsculos compartimentos de venda.

No fim do século XVIII transforma-se a fisionomia dos chafarizes cariocas: perdem o frontão curvo bem característico da época colonial e aparecem elementos romanos, como os óculos, as linhas retas predominantes na estrutura geral, os tanques, pias e taças de pedra. Nessa transição, como veremos, surge a platibanda, que nos acompanha até hoje.

Passou o período dos Vice-Reis; pode-se assim dizer para os chafarizes e só com a chegada da família real é que se começaram as novas construções, isto é, no início do século XIX.



CHAFARIZ DE CATUMBI-1851-AQUARELLA de J. REIS CARVALHO

O chafariz de Catumbí

Na regência de d. João VI, por impedimento de Maria I, era o conselheiro Paulo Fernandes Vianna intendente geral da Polícia, o qual muito trabalhou em prol do embelezamento e desenvolvimento da nossa cidade.

Entre muitos melhoramentos canalizou as águas do rio Comprido, ligando-as ao aqueduto de Catumbí, reforçando assim o volume d'água para o abastecimento da cidade, principalmente, no perímetro norte.

E, perto da casa do guarda-mór, Pedro Dias Paes Leme, pouco abaixo do chafariz do Lagarto, separado dele pela grande muralha inclinada do aqueduto de Catumbí, próximo à lagoa da Sentinela, no antigo caminho de Catumbí, antiga rua do Conde (do Cunha), depois Conde d'Eu e, finalmente frei Caneca, construiu o chafariz denominado "Catumbí".

O aspecto geral d'este chafariz é de uma torre ou por outra, de um reservatório, feito de alvenaria e cantaria, bastante sólido, formado de dois corpos, correndo sobre o primeiro, como cimalha pelos três lados, uma varanda de ferro, de onde, elevando-se o segundo corpo, se arremata com uma "platibanda".

Na base, um tanque, composto de uma bacia longitudinal, de onde sai uma caixa, com cobertura em forma de tímpano, tudo de pedra, com três bicas de bronze, primitivamente, depois, com cinco e, atualmente, nenhuma.

No centro do primeiro corpo, está um balcão com balaustrada de ferro e esquadria de pedra, de belo desenho, em relação ao conjunto; no centro do segundo, uma porta de acesso à varanda, e dois vãos de forma retangular, de cada lado, como arejadores d'este corpo.

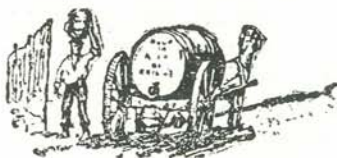
Atualmente, aposentado, este chafariz não funciona, mas em compensação, ao lado do mesmo, na antiga casa do guarda, funciona, em plena atividade, um mictório.

D'este chafariz partia o aqueduto, para o Campo de Santana, a título provisório, pois eram os encanamentos de madeira descobertos (bicame), os quais desperdiçavam muito e alagavam, em seu trajeto, os caminhos até ao Campo, onde foi inaugurada outra fonte de madeira com dez bicas, no dia 13 de maio de 1809.

"No encanamento de Maracanã fazem-se indispensáveis dois reservatórios, no lugar de Catumbí, para que grande parte da população desta cidade não continue a beber uma

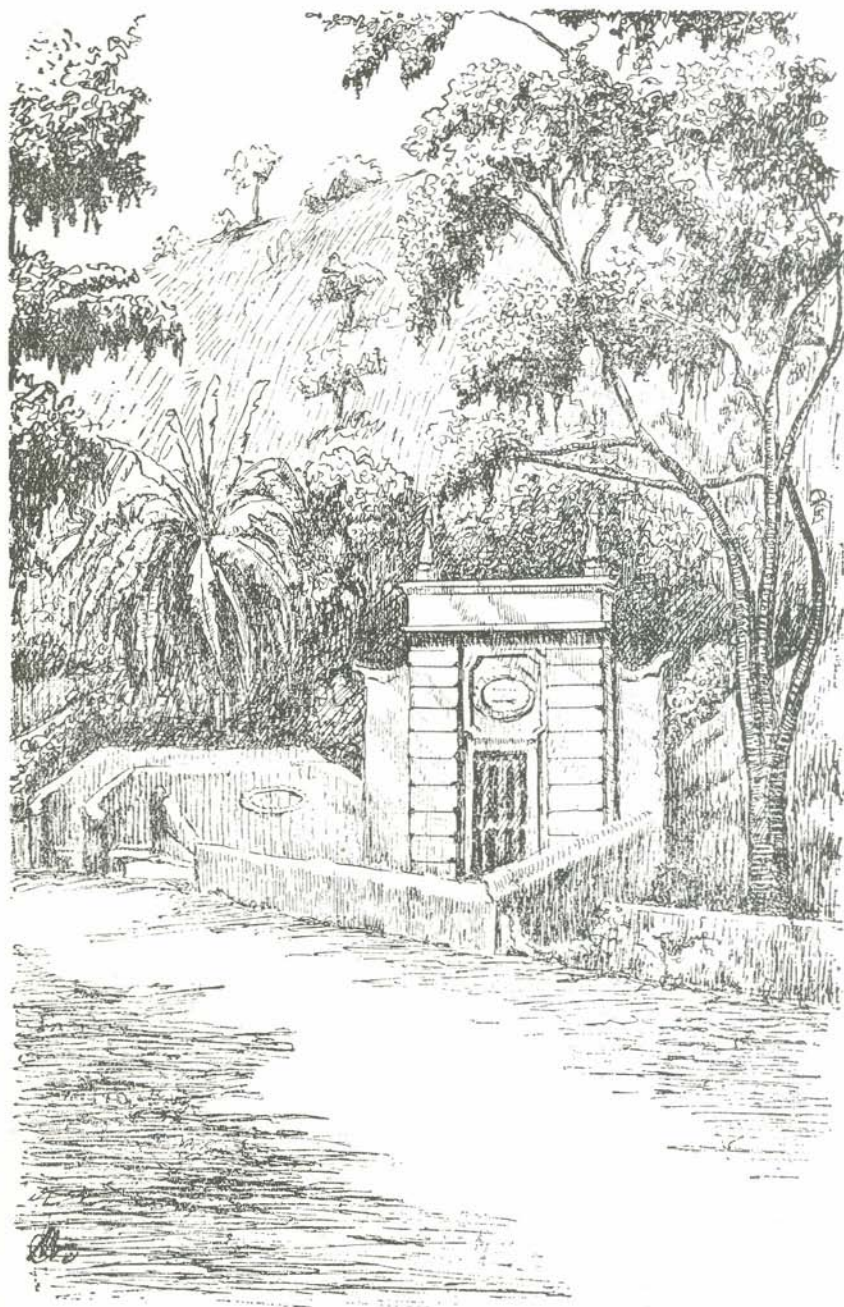
água carregada de goma de argila e de muitos outros corpos heterogêneos e pesados, que, pelo contínuo movimento das águas, não podem precipitar-se; cada um destes reservatórios deve ter cinco braças de comprimento, 2 1/2 de altura e 12 palmos de largura, tudo pela parte interna, afim de dar capacidade para 9.792 pés cúbicos d'água, ou 14.688 barris, quantidade maior, que o fornecimento de dous dias para suprimento do chafariz de Catumbí e Campo (Lavadeira); a despesa com esta obra calculada em 8:088\$; a construção porém do seu encanamento sobe a 436:590\$, ou, sendo o conduto feito de chumbo, a 323:500\$000.

Durante o ano de 1839, no encanamento do Maracanã, fizeram-se 3.570 pés cúbicos de escavações; de alicerce e sapatas 1.290; de muralhas 9.641, de pegões 1.505, de meio fio 500 palmos, de embôço 4.059, de reboques 3.870, de cobertura de lages de alvenaria 310, de bordadura 2.454 palmos quadrados; assentaram-se 277, que formarão de novo encanamento 554 palmos e tijolos de ladrilho 1.136; fez-se um grande tanque para depósito das areias no Rio Comprido e dois arcos circulares com 11 palmos de corda e quatro de altura; desobstruíram-se 3.224 pés cúbicos de diferentes desmoronamentos; assentaram-se 175 calhas de madeira, tendo cada uma 20 palmos de comprimento; 76 pontaletes, 62 travessões, 34 grades, diversos gatos e pau de prumo; calafetaram-se e brearam-se por fora 157 calhas e 97 escarvas; assentaram-se 168 taboas de passadiço, repararam-se algumas calhas e tôdas elas, bem como o madeiramento respectivo, foram alcatroados; finalmente concertou-se o madeiramento das águas férreas" (Relatório Assis Coelho).



A bica da rainha

Na encosta do morro de d. Martha, antigamente, à margem direita do Rio Carioca e atualmente, rua das Laranjeiras, havia uma fonte de águas férreas, denominação que tomou o



Antiga Bica da Rainha

lugar; dela existe uma reprodução litográfica que veio até nós, único documento da época.

Era esse lugar o preferido pela elite carioca, para passeios, quer em cadeirinhas, ou a cavalo. Assim, a rainha d. Maria I, quando saía a passeio, frequentemente aí aparecia em companhia de suas damas da corte, daí provindo a frase repetida pelo povo: "Maria vae com as outras", em virtude de ser ela louca. E esse dito ficou até hoje com a significação para aquelas que não se sabem governar.

E o povo acostumou-se tanto com a rainha Maria I, que denominou a fonte das águas férreas de Bica da Rainha, e, por seu falecimento em 1815, continuou como lugar predileto de Carlota Joaquina, espôsa de d. João VI, que costumava ir aí refrescar os ardores do seu temperamento.

O povo muito frequentava nessa época a fonte, em virtude de suas propriedades terapêuticas, principalmente, aqueles que sofriam de falta de sangue, pois eram escassos os recursos para o tratamento, para o qual, hoje, entretanto, abarrotam o mercado de preparados estrangeiros.

A fonte era simples, murada, com uma escada lateral que conduzia à bica; ao lado um passadiço, que ia para a mata; ao fundo elevava-se um paredão, que do centro, por, duas, largas pilastras, sustentava uma "platibanda", com dois ornatos em forma de cone, nas respectivas extremidades. Na parte central e superior da fonte, uma moldura em forma de octógono irregular em cujo centro aparece um oval, com a inscrição "Bica da Rainha". No centro, sob o ornato descrito, estava uma janela de varões de ferro e na base, a bica de bronze de água férrea.

Há uns trinta anos atrás, estava em completo abandono; um comerciante, porém, requereu ao Conselho Municipal permissão para edificar um botequim, o que foi negado. Mais tarde, um outro particular restaurou-a, pondo em condições de ser visitada.

E, hoje, como outróra, sai a distribuir água em pequenos barrís de 15 litros, o aguadeiro, em sua carroça, em forma de pipa, com capacidade de 1.085 litros de água, puxada por um burro, que abastece os bairros das Laranjeiras e Catete.

A carroça é de propriedade de uma senhora concessionária, que vende o barril a domicílio a mil réis e que ainda está em pleno comércio...

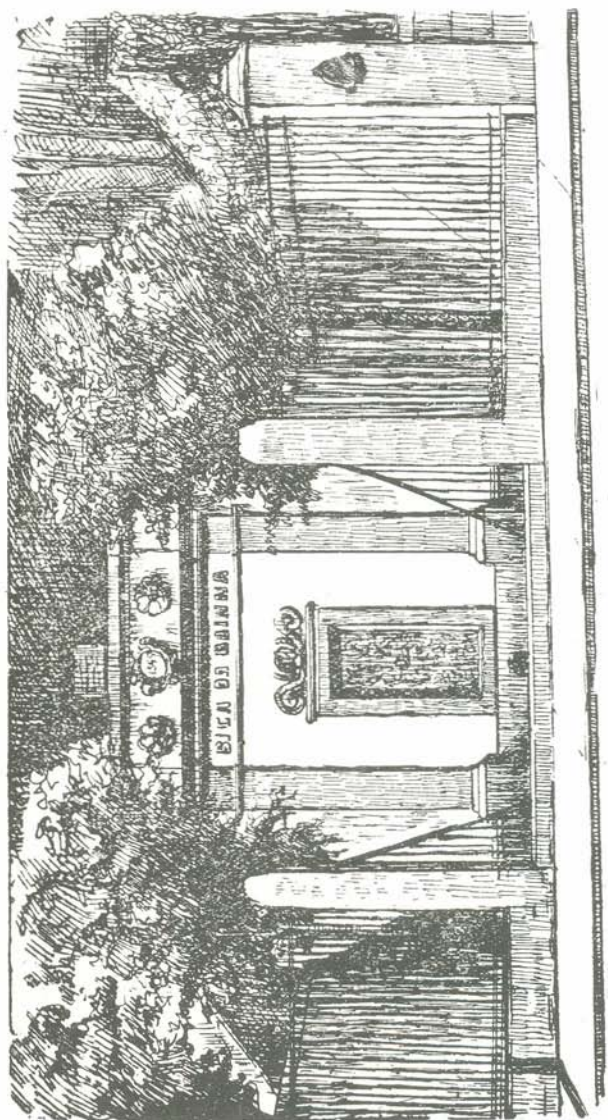
Do lado ímpar da rua das Laranjeiras (107) Cosme Velho, está atualmente situada a Bica da Rainha, no interior de um pequeno terreno, em nível inferior ao da rua, para onde se

desce por uma escada de nove degraus. Ao fundo, um muro, tendo, ao centro uma fachada de linhas clássicas, com duas pilastras, com bases, ligadas superiormente por uma cimalha, que suporta uma platibanda, tendo ao meio uma cartela com a data de 1845, e, de cada lado, uma rosácea.

Abaixo da cimalha, entre as pilastras, está em letras de relevo o nome "Bica da Rainha", separado do corpo central por um filete que corre em toda extensão. Ao centro da fonte, uma janela com esquadria de pedra (pintada), coroando-a com um pequeno ornato: uma concha, tendo simetricamente aos lados volutas. Esta abertura é vedada por uma grade de ferro de bellissimo desenho, a qual se abre como porta. Na base, acha-se uma grossa bica que jorra sobre um tanque de pedra. A fonte é protegida ou separada da via pública por uma grade de ferro, tendo um portão ao centro, por onde passam os moradores de sua vizinhança, que vão, diariamente, buscar a apreciavel água, em verdadeira romaria, como faziam, antigamente.

No alto da fonte, em uma taboleta pintada e quasi illegivel, um aviso ao público: "Pede-se respeitar as matas da união e as particulares, conservando-as com carinho, para que não venham sofrer os mananciais desta lendária fonte de águas férreas."





Atual Bica da Rainha